



## O sentido de uma homenagem (Nos 30 anos do legado de Nogueira da Silva) Manuel Gama

A propósito dos trinta anos do legado (1975-2005) do Comendador Nogueira da Silva, em que são indicados os herdeiros dos seus bens, o Centro de Estudos Lusíadas (CEL) e o Museu Nogueira da Silva (MNS) – unidades culturais da Universidade do Minho criadas por indicação testamentária do homenageado – realizam uma homenagem, ao longo de 2005, a esta benemérita figura bracaraense, composta por vários eventos, que decorrerão neste edifício, que foi a sua própria casa.

Em várias conferências, a proferir ao longo do ano, ir-se-á falar da pessoa de Nogueira da Silva, da problemática do mecenato, de Braga no tempo de Nogueira da Silva, das matrizes fundamentais do salazarismo, da biblioteca particular de Nogueira da Silva, da história da Casa da Sorte no âmbito dos jogos da sorte ou azar em Portugal. Paralelamente, durante um alargado período de tempo, haverá uma exposição com peças escolhidas da colecção Nogueira da Silva, com uma visita guiada ao Museu no dia da sua inauguração. Derradeiramente, para culminar, far-se-á o lançamento de um livro sobre a história da Casa da Sorte. Posteriormente, os textos das conferências serão publicados na revista Forum.

Entre os intervenientes directos nos eventos encontram-se professores/investigadores da Universidade do Minho (Norberto Cunha, Henrique Barreto Nunes, Miguel Bandeira, Eduardo Pires de Oliveira), da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (Irene Vaquinhas), o Presidente da Assembleia Geral e o Administrador da Casa da Sorte (António Tinoco), o Administrador Executivo da empresa Domingos Silva Teixeira/dst (José Teixeira) e o Director do Museu Nogueira da Silva entre 1987-2002 (César Valença).

Nogueira da Silva foi uma figura marcante em Braga: foi um grande amigo desta cidade, dos bracarenses (ricos, pobres, remediados) e de várias e diversas instituições. Quase bastaria referir que nesta cidade fundou a Casa da Sorte e daqui a multiplicou por Portugal continental e, na altura, ultramarino. Mas as suas facetas são muito mais que essa.

Era um homem que tinha meios significativos e que soube usá-los. Económica e socialmente foi um homem de sucesso. Poderia ter amealhado ou desbaratado o seu dinheiro. Mas não. Com o êxito da Casa da Sorte, ia ganhando dinheiro em diversas partes do país e ia distribuindo sobretudo em Braga. Tal aconteceu até ao fim da vida. Além das dádivas mais ou menos pontuais a particulares, que o recato não aconselha publicitação, quase não houve instituição relevante em Braga (e não só), que não beneficiasse da sua ajuda (veja-se a descrição exaustiva no texto da conferência de António Tinoco). Para o pós-morte deixou um testamento com indicações precisas sobre a atribuição dos seus bens: colaboradores, instituições (sobretudo da cidade de Braga, entre as quais a Universidade do Minho) e, coisa extraordinária entre nós, doou a sua empresa da Casa da Sorte aos respectivos trabalhadores.

Geralmente o Estado não é o receptor de doações como a desta casa, com todo o seu recheio, transformada em Museu por indicação testamentária. Tais legados vão mais para instituições ligadas à Igreja. O que se compreende. Primeiro, porque as pessoas abastadas, ao entregarem gratuitamente os seus bens a obras da Igreja, ficam com a convicção de que a salvação está assegurada. Depois, porque o Estado, pela criação de leis ou pela via revolucionária, vai buscar o que julga necessitar para a prossecução dos fins que tem em vista. Vejam-se as acções de Joaquim António de Aguiar (vulgo Mata-Frades), do Marquês de Pombal, da I República, do período após o 25 de Abril de 1974.

No entanto, as instituições do Estado têm obrigação de bem zelar pelos bens que lhe são doados. É o caso da Universidade do Minho. Tem cuidado devidamente do património deixado por Nogueira da Silva e está a prestar-lhe – a partir de hoje e ao longo do ano de 2005 – uma merecida homenagem. E a forma como têm sido tratados estes bens já serviu de exemplo à Senhora D. Maria Teresa Salgueiro para fazer doação semelhante à Universidade do Minho, dando origem à actual Casa-Museu de Monção.

Na era da globalização, da mesmidade, da igualização, da calibração de tudo, é cada vez mais necessário preservar o particular, o diferente, o local, tanto a nível das pessoas como das coisas.

Nesse sentido, devemos homenagear as pessoas, as «nossas» pessoas que, das formas mais diversas, se empenharam e contribuíram para melhorar a vida bracarense. É o que estamos a fazer com o ilustre bracarense António Augusto Nogueira da Silva.

Sem querer distorcer a história, mas também sem pruridos políticos, devemos estimar e enaltecer, não os malfeitores, mas os que se distinguem pelo seu altruísmo, pela sua filantropia e, eventualmente, pelo mecenato. Dimensões claramente características do homenageado.

Finalmente, os agradecimentos reconhecidos em nome do Centro de Estudos Lusíadas e do Museu Nogueira da Silva. Ao Senhor Reitor da Universidade do Minho, Prof. António Guimarães Rodrigues, que teve de alterar a sua agenda para poder estar presente, ao Presidente do Conselho Cultural da Universidade do Minho, Prof. Lúcio Craveiro da Silva, também pela presença e sobretudo pelo seu acarinhamento a esta iniciativa. Ao conferencista de hoje, Senhor António Tinoco, e aos demais palestrantes, assim como ao coordenador da Exposição, que aceitaram dar o seu contributo a esta homenagem.

Sem meios, este ciclo de eventos não poderia realizar-se, pelo menos do modo como está programado. Assim, os agradecimentos vão também para ao patrocinadores e apoiantes: Governo Civil de Braga, Administração da Casa da Sorte, Biblioteca Pública de Braga, Conselho Cultural da Universidade do Minho e secretariado do Centro e Museu.